



La exploración vocacional em jovens: Estudo com grupos específicos

Career exploration in young people: Study with specific groups

Ana Daniela Silva, Catia Marques
Universidade do Minho

Resumo

Apresentam-se dois estudos da exploração vocacional com grupos específicos de adolescentes tendo-se recorrido ao Career Exploration Survey (CES). No primeiro estudo analisou-se o processo de exploração vocacional de 135 jovens institucionalizados comparando-o com o de 184 a viver em famílias recorrendo-se à One-Way MANOVA. No segundo estudo analisou-se o processo de exploração vocacional de 323 jovens que frequentam o ensino profissional, comparando-o com o de 208 do ensino regular recorrendo-se ao T-Test. Com base nos resultados são retiradas implicações para a intervenção de carreira com grupos específicos.

Palavras chave: jovens, exploração vocacional, grupos específicos.

Abstract

This work presents two studies of career exploration with specific groups of youth, using the Career Exploration Survey (CES). The first study compares the career exploration process of 136 foster-care youth and 186 youth living with their families, using the One-Way MANOVA. In the second study we analyzed the process of career exploration of 323 young people in vocational education, comparing it with the 208 regular education using the T-Test. Implications for career intervention with specific groups will be taken based on the results.

Keywords: young people, career exploration, specific groups.

A União Europeia defende que, para uma orientação de carreira eficaz, são fundamentais a promoção da inclusão social, igualdade de género, e cidadania, incentivando e apoiando a participação na educação e formação e escolhas de carreira realistas e significativas (Reid, 2008). Como tal, revela-se fundamental prestar atenção ao desenvolvimento de carreira de grupos específicos da população e em situação de maior vulnerabilidade. Sendo o conceito da exploração considerado uma tarefa crítica do desenvolvimento humano (Ryan & Deci, 2000), em particular, do desenvolvimento vocacional, justifica-se o seu estudo com populações específicas de forma a permitir aprofundar o conhecimento acerca de como estes jovens constroem as suas carreiras e assim proporcionar

intervenção de carreira mais adaptadas às suas necessidades.

Com efeito, a exploração vocacional constitui um componente importante do processo de escolha vocacional (Blustein, 1989; Taveira, 1997; Taveira & Rodriguez, 2003). Tal processo é levado a cabo por meio da observação e desempenho de diferentes papéis, que fornecem conhecimento sobre si e sobre o tipo de trabalho a exercer (Königstedt, 2008).

A exploração vocacional distingue-se de outros tipos de exploração devido ao seu carácter intencional (Jordaan, 1963, *cit in* Taveira, 1997). O seu estudo iniciou-se nos anos 60 e começou por ser reportado como um processo de comportamentos de procura de informação ou de resolução

de tarefas vocacionais. Numa segunda concepção, inscrita nas teorias da tomada de decisão, passou a ser visto enquanto fase importante do processo de tomada de decisão, na qual são identificadas alternativas e avaliadas opções e comportamentos de procura de informação (Taveira, 2001). Posteriormente, numa visão inscrita nos modelos de desenvolvimento vocacional normativos (e.g., Super, 1957), a exploração é encarada como um dos principais estádios de vida, característico da adolescência e dos primeiros anos da idade adulta, compreendendo tarefas de especificação, cristalização e implementação de escolhas e autoconceitos (Brown & Lent, 2013; Super, 1980; Taveira, 1997). Finalmente, numa quarta visão, o comportamento exploratório acaba perspectivado em termos de um processo subjacente à aprendizagem e desenvolvimento de carreira (Taveira & Rodriguez, 2003), capaz de permitir a interpretação e recriação de experiências projetadas no futuro mediante a imaginação, a fantasia ou o ensaio (Taveira, 1997).

Diferentes definições do conceito podem ser seguidas. No entanto, atualmente é consensual encará-la como um processo psicológico através do qual se retiram informações e testam hipóteses acerca de si e do mundo, e como uma categoria do comportamento exploratório em geral (Taveira, 2004). Consequentemente estamos perante um processo psicológico complexo, de singular importância ao longo do desenvolvimento global e que contribuiu para a construção flexível da personalidade (Flum & Blustein, 2000, Taveira & Rodriguez, 2003;).

Apesar de se tratar de um processo com uma considerável variação individual, a teoria e a investigação têm identificado algumas condições antecedentes e consequentes gerais da exploração (Blustein, 1989). Resumidamente têm-se apontado como antecedentes do processo de exploração: (i) a modelação e as experiências vicariantes, (ii) o valor atribuído e as expectativas, (iii) a orientação para objetivos, (iv) a autonomia e competência percebidas, (v) o processamento cognitivo, (vi) os estilos de tomada de decisão, (vii) os estilos de vinculação e (viii) o contexto familiar (Cheung & Arnold, 2010; Taveira, 1997; Vignoli, Croity-Belz, Chapeland, Filips, & Garcia, 2005).

A exploração de vários papéis de vida origina um processo recursivo em que os ganhos obtidos são benéficos ao longo do espaço de vida (Blustein, 1989). Neste sentido, a par das condições antecedentes, têm também sido identificados resultados vocacionais, tais como: (i) a satisfação e o sucesso vocacional, (ii) o nível de maturidade vocacional, (iii) a eficácia dos processos de tomada de decisão, (iv) o progresso no processo de compromisso, (v) a competência no processo de exploração e (vi) o desenvolvimento da identidade vocacional ou (vii) o incremento do autoconceito, tornando-o mais cristalizado (Blustein, 1989; Hirschi, Niles, & Akos, 2011; Schmitt-Rodermund & Vondracek, 1999; Taveira, 1997).

Vários estudos têm sido realizados com o objetivo de

compreender a influência de diversas variáveis no comportamento exploratório. No entanto, os mesmos resultados raramente são observados junto de populações não normativas (Blustein, 2001; Bohoslavsky, 1983; Savickas, 1993). Neste âmbito o presente trabalho pretende apresentar dois estudos com grupos específicos de jovens - jovens institucionalizados e jovens que frequentam o ensino profissional - e retirar implicações para a intervenção de carreira com estes jovens nos seus contextos educativos.

Estudo 1: Exploração vocacional de jovens institucionalizados versus jovens que vivem com as famílias

Este estudo pretende analisar o processo de exploração vocacional de jovens institucionalizados em Lares de Infância e Juventude, comparando-o com o de jovens a viver em famílias de origem.

Método

Participantes. Os participantes foram 319 jovens, 133 (41,7%) raparigas e 186 (58,3%) rapazes, com idades entre os 14 e os 25 anos ($M = 16.52$, $DP = 2.17$). Os participantes foram distribuídos por dois grupos independentes, de acordo com o seu contexto de proveniência. O primeiro grupo é formado por jovens institucionalizados que vivem em Lares de Infância e Juventude ($n = 135$, 42,3%), incluindo 58 (43,0%) raparigas e 77 (57,0%) rapazes, com uma média de idades de 16,20 anos ($DP = 2.19$). A maioria dos participantes integrados neste grupo frequenta o ensino secundário (45,1%), seguindo-se o 3.º ciclo (37,8%), o 2.º ciclo (11,4%) e o ensino universitário (5,7%).

O segundo grupo é constituído por jovens que vivem com a família de origem ($n = 184$, 57,7%), 81 (44,0%) raparigas e 103 (56,0%) rapazes, com média de idades de 16,72 anos ($DP = 2.13$). A maioria destes jovens frequenta o ensino secundário (81,6%), seguindo-se o 3.º ciclo (18,4%).

Instrumento. Os participantes responderam à versão Portuguesa do *Career Exploration Survey* (CES, Stumpf, Colarelli, & Hartman, 1983; adap. Taveira, 1997). Trata-se de uma escala multidimensional de 53 itens que permitem avaliar, de modo consistente, doze dimensões, integradas nas componentes comportamentais, cognitivas e emocionais da Exploração Vocacional. Ou seja, quatro tipos de crenças, cinco tipos de comportamentos e três tipos de reações afetivas relacionadas com a exploração vocacional.

À exceção das escalas de *Stress*, que utilizam uma escala de 7 pontos, e do item Número de domínios profissionais considerados, que utiliza um formato de resposta gráfico-numérico, os restantes itens assumem um formato de resposta tipo *likert*, com 5 pontos, em que 1 significa “Pouco”, “Nada satisfeito/a” e “Pouco Seguro/a” e 5 significa “Muito Seguro/a” ou “Muito Satisfeito/a”.

A cotação de cada subescala do CES é obtida adicionando o valor de cada uma das respostas aos itens que a compõem, variando as pontuações mínimas e máximas de uma para outra subescala, conforme o número de itens e a escala de resposta em causa.

As suas qualidades métricas foram verificadas em estudos realizados com estudantes do ensino básico e secundário (Taveira, 1997) e do ensino superior (Soares, 1998). É uma prova com fiabilidade e validade de construto, cuja consistência interna varia entre os coeficientes de .51 e .92 (Taveira, 1997).

Para terminar descreve-se as dimensões avaliadas pelo CES.

1. Crenças de Exploração Vocacional:

Estatuto de Emprego (EE): Até que ponto parecem ser favoráveis as possibilidades de emprego na área preferida.

Crença nos resultados da exploração (CRE): O grau de certeza de vir a atingir uma posição favorável no mercado de trabalho.

Instrumentalidade externa (IE): A probabilidade de exploração do mundo profissional concorrer para atingir objetivos vocacionais.

Instrumentalidade interna (II): A probabilidade de exploração de si próprio/a concorrer para atingir objetivos vocacionais.

Importância de obter a posição preferida (IPP): O grau de importância atribuído à realização da preferência vocacional.

2. Processo de Exploração Vocacional:

Exploração do meio (EM): O grau de exploração de profissões, empregos, as organizações realizada nos últimos 3 meses.

Exploração de si próprio (ESP): O grau de exploração pessoal e de retrospção realizada nos últimos 3 meses.

Exploração sistemática-intencional (ESI): Em que medida a procura de informação sobre o meio e sobre si próprio/a se realizou de um modo intencional e sistemático.

Quantidade de informação (QI): Quantidade de informação adquirida sobre as profissões, empregos, as organizações e sobre si próprio/a.

3. Reações à Exploração Vocacional:

Satisfação com a informação (SI): A satisfação sentida com a informação obtida sobre as profissões, empregos e organizações mais relacionadas com os seus interesses, capacidades e necessidades.

Stress na exploração (SE): A quantidade de stress indesejado que cada um sente como função do processo de exploração, por comparação a outros acontecimentos de vida.

Stress na decisão (SD): A quantidade de stress indesejado que cada um sente como função do processo de tomada de decisão, por comparação a outros acontecimentos.

Procedimentos. Após obter a autorização e o consentimento informado dos participantes ou seus responsáveis educativos, os dados foram recolhidos

segundo os parâmetros éticos da investigação em Psicologia.

Os dados foram analisados com recurso ao *Statistical Package for Social Sciences* (IBM SPSS), versão 20 para Windows. Devido à percentagem de *missing values* ser inferior a 5%, optou-se por um método de estimativa, nomeadamente pela substituição dos *missing values* pelo valor médio do item em causa na amostra, tendo em conta a vantagem desta opção em preservar casos (Tabachnik & Fidell, 2013). Através de métodos gráficos, foram identificados *outliers* e estes foram filtrados das análises, de modo a controlar o seu efeito. O estudo das diferenças entre jovens em LIJ e jovens na família de origem foi realizado através da análise de variância multivariada (*One-Way MANOVA*), considerando as doze subescalas do CES como variáveis dependentes e o contexto de residência dos participantes como variável independente.

Resultados

A *One-Way MANOVA* revela não existir um efeito multivariado do contexto dos participantes na exploração vocacional, *Pillai's Trace* = .03, $F(12,306) = .89$, $p = .56$.

Tabela 1

Médias e desvios-padrão nas subescalas do CES, em função do contexto de proveniência

	Contexto de Proveniência		F(1, 317)
	LIJ (n = 135) Média (DP)	Família de origem (n = 184) Média (DP)	
Crenças			
EE	10.04 (2.88)	10.30 (2.43)	0.81
CRE	8.72 (2.91)	9.14 (3.31)	1.37
IE	38.13 (8.08)	39.94 (6.54)	4.90*
II	14.65 (3.24)	15.20 (2.62)	2.80†
IPP	11.22 (2.88)	11.84 (2.50)	4.13*
Processo			
EM	11.47 (4.19)	12.11 (3.63)	2.09
ESP	15.54 (4.50)	16.33 (3.80)	2.88†
ESI	5.61 (1.86)	5.65 (1.81)	0.02
QI	9.79 (2.49)	10.17 (2.21)	2.03
Reações			
SI	9.69 (2.40)	10.16 (2.20)	3.27†
SE	15.80 (5.61)	16.44 (4.97)	1.26
SD	21.25 (7.56)	22.28 (7.80)	1.40

* $p < .05$, † $p < .10$

No entanto, testes univariados revelam que jovens que vivem em LIJ e jovens que vivem com a família de origem diferem significativamente em duas subescalas das crenças de exploração vocacional, nomeadamente na Instrumentalidade Externa, $F(1, 317) = 4.90$, $p = .03$, e na Importância de obter a Posição Preferida, $F(1, 317) = 4.13$, $p = .04$. Jovens não institucionalizados apresentam resultados significativamente mais favoráveis nestas subescalas do que jovens institucionalizados.

Testes univariados apontam ainda para um efeito marginalmente significativo do contexto dos participantes

numa das subescalas das crenças de exploração vocacional, do processo exploratório e das reações à exploração vocacional. Em particular, encontraram-se diferenças marginalmente significativas entre jovens que vivem em LIJ e jovens que vivem com a família de origem na Instrumentalidade Interna, $F(1, 317) = 2.80, p = .10$, na Satisfação com a Informação, $F(1, 317) = 3.27, p = .07$, e na Exploração de Si Próprio/a, $F(1, 317) = 2.88, p = .09$. O grupo de jovens não institucionalizado tende a revelar resultados superiores nestas subescalas do que o grupo de jovens institucionalizado.

Discussão Parcial

O perfil de resultados descritivos aponta para o fato de que apesar dos jovens institucionalizados apresentarem valores bastante satisfatórios, em todas as dimensões da exploração, diferem dos pares não institucionalizados nas dimensões da Exploração de Si e Satisfação com a Informação em seu desfavor. É possível inferir que estando o comportamento exploratório associado a maiores comportamentos de procura de informação e como tal, a maior satisfação com a informação (Taveira, 1997), os jovens institucionalizados, como apresentam níveis mais baixos de exploração de si, encontram-se simultaneamente menos satisfeitos com a informação vocacional obtida.

Há ainda a registrar diferenças no que diz respeito à importância de obtenção da posição preferida e Instrumentalidade externa. Estes resultados parecem indicar que os jovens institucionalizados estão menos confiantes na obtenção de emprego na área/local que idealizam, ou seja, antecipam resultados menos promissores para si, resultantes da exploração vocacional. De igual modo, parecem ser menos intencionais na utilização dos recursos externos, como por exemplo, falar com pessoas para aprender mais sobre as profissões que lhes interessam.

Estudo 2: Exploração vocacional de jovens do ensino profissional versus ensino regular

Neste estudo analisou-se o processo de exploração vocacional de jovens que frequentam o ensino profissional, comparando-o com o de adolescentes do ensino regular.

Método

Participantes. Os participantes foram 531 estudantes (53.9% raparigas) com idades entre 14 e 24 anos ($M_{idade} = 17.02$; $DP = 1.67$). Estes estudantes frequentavam o ensino secundário público em Portugal, sendo que 215 (40.5%) frequentavam o 10º ano, 172 (32.4%) o 11º ano e 144 (27.1%) frequentavam o 12º ano de escolaridade.

Do total dos estudantes, 323 (60.8%) frequentam o ensino profissional e 208 (39.2%) o ensino geral. No ensino profissional, a amostra é composta por 168 (52.0%) raparigas e 155 (48.0%) rapazes, com idades compreendidas entre 14 e os 24 anos ($M_{idade} = 17.70$;

$DP = .09$). No ensino geral, a amostra é composta por 118 (56.7%) raparigas e 90 (43.3%) rapazes, com idades compreendidas entre os 14 e os 21 anos ($M_{idade} = 15.97$; $DP = .09$).

Instrumentos e procedimentos. O instrumento e procedimentos foram os mesmos usado no estudo 1.

Para a análise dos resultados foi utilizada a versão 20 do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS, IBM). Foram realizadas análises de estatística descritiva (cálculo de médias e desvios-padrão), consideradas adequadas para descrever as variáveis em causa na análise. Analisaram-se as diferenças entre os dois grupos de estudo recorrendo ao Teste *T-student*.

Resultados

A tabela 2 apresenta as medidas descritivas e os resultados do teste *T-student* no que se refere à exploração vocacional mediante o grupo de pertença dos participantes: estudantes a frequentar o ensino geral e estudantes a frequentar o ensino profissional.

Tabela 2
Médias e desvios-padrão nas subescalas do CES, em função do contexto de proveniência e resultados do teste *t-student*

	Ensino Profissional ($n = 323$) Média (DP)	Ensino Geral ($n = 208$) Média (DP)	$t(529)$
Crenças			
EE	58.90 (19.36)	61.73 (20.97)	-1.59
CRE	47.21 (24.22)	45.59 (25.50)	-0.17
IE	62.77 (14.79)	63.92 (16.76)	-0.88
II	68.73 (17.19)	66.43 (19.50)	1.42
IPP	72.99 (21.34)	73.83 (21.86)	-0.44
Processo			
EM	50.52 (22.91)	46.12 (24.23)	2.11*
ESP	54.84 (20.49)	58.13 (19.70)	1.82†
ESI	45.82 (22.29)	42.19 (22.70)	1.82†
QI	59.86 (17.71)	58.05 (18.47)	1.13
Reações			
SI	55.68 (16.76)	59.77 (18.59)	-2.64*
SE	51.26 (18.36)	49.66 (22.74)	0.89
SD	55.46 (22.31)	57.58 (37.11)	-0.98

* $p < .05$, † $p < .10$

Como se pode observar pela leitura da Tabela 2 verificaram-se diferenças estatisticamente significativas na exploração do meio a favor dos jovens do ensino profissional e na satisfação com a informação a favor dos jovens do ensino geral. Registraram-se ainda diferenças marginalmente significativas na exploração de si próprio a favor dos jovens do ensino geral e na exploração sistemática e intencional a favor dos jovens do ensino profissional.

Nas restantes dimensões da exploração apesar de não se ter verificado significância estatística, obteve-se que os jovens do ensino profissional tem melhores resultados nas

crenças de instrumentalidade interna, na quantidade de informação, na exploração sistemática intencional e no *stress* com a exploração. Os jovens do ensino geral, revelaram resultados mais elevados nas crenças acerca do estatuto de emprego, na certeza dos resultados, na importância atribuída à sua preferência, na instrumentabilidade externa, na exploração de si próprio e no *stress* com a tomada de decisão.

Discussão Parcial

Os resultados apontam que os estudantes do ensino profissional apresentam mais comportamentos exploratórios acerca das profissões vivenciando *stress* neste processo, enquanto os estudantes do ensino geral demonstram valores mais elevados nas crenças de exploração e uma exploração do *self* que se traduzem numa maior satisfação, embora estejam mais preocupados com a tomada de decisão.

Pensamos que estas diferenças se podem dever à estruturação dos dois tipos de ensino e às experiências que proporcionam aos alunos. O ensino Profissional é por natureza mais experiencial e caracterizado por um maior contato direto com experiências reais de trabalho, através por exemplo de estágios em entidades empregadoras. Por outro lado, o ensino geral é mais concetual e marcado por experiências mas cognitivas e centradas na preparação para o prosseguimento de estudos ao nível do ensino superior.

Desta forma, por exemplo, os jovens do ensino profissional poderão estar mais expostos a situações de exploração do mercado de trabalho, o que se traduz em maiores pontuações na exploração do meio, ou na exploração sistemática e intencional. Contudo, parece-nos preocupante o fato destes valores não serem acompanhados de uma exploração do *self*, o que pode mostrar que estes alunos estão muito focados na informação e nos contextos mas não integram esta informação numa pesquisa aprofundada acerca dos seus interesses, valores e competências pessoais. Paralelamente este processo é acompanhado de níveis de *stress* superiores aos do ensino geral, o que pensamos que pode ser explicado por uma maior ativação destes processos, ou por se sentirem pouco acompanhados na realização dos mesmos. Neste âmbito consideramos que seria importante, tal como refere Gamboa, Paixão e Jesus (2011) que a atividade exploratória ensaiada no decorrer do período de estágio possa abrir um importante espaço para a redefinição dos objetivos estratégicos da ação vocacional dos estudantes, justificando, a exemplo do que acontece com outras transições previstas no nosso sistema educativo, uma intervenção vocacional sistemática de apoio à implementação da decisão vocacional, destinada a todos os alunos das vias profissionalizantes.

Os alunos do ensino geral, por sua vez parecem analisar os seus comportamentos de exploração mais para o *self* do que os jovens do ensino profissional. Este aspeto poderá justificar-se pelo fato do tipo de ensino praticado no ensino

geral proporcionar mais atividades de reflexão centradas no *self* bem como no fato, deste ensino preparar os jovens para uma tomada de decisão de prosseguimento de estudos a nível superior em que ainda há muitas possibilidades profissionais em aberto. Por este motivo também, estes jovens poderão estar mais preocupados com a tomada de decisão do que os do ensino profissional que já se comprometeram com uma profissão mais específica.

Outro aspeto a considerar é a satisfação com a informação obtida durante o processo de exploração que é superior nos jovens do ensino geral. Este fato pode dever-se a um maior investimento por parte do sistema de ensino na divulgação de informação para o ensino geral (por exemplo, em sítios da internet com toda a oferta educativa de nível superior, etc...), sendo necessário investir de forma igualitária na estruturação de informação de interesse para todos os tipos de ensino.

Consideramos que este estudo exploratório fornece pistas importantes para o planeamento e desenho da intervenção vocacional e educativa com estes jovens atendendo a necessidades específicas que advém do tipo de ensino que frequentam e desafios dos mesmos. Devido a escassez de estudos neste âmbito, consideramos igualmente importante investir nesta linha de estudos que nos permita perceber as necessidades particulares de jovens a frequentar diferentes tipos de ensino e melhor planear as intervenções com os mesmos.

Conclusão

A exploração vocacional é um processo psicológico complexo, multidimensional, e com um papel central no desenvolvimento vocacional (Jordaan, 1963; Super, Savickas, & Super, 1996; Taveira, 2001), nomeadamente, nos períodos de transição em que os indivíduos se veem confrontados com o desempenho de novos papéis e com a necessidade de se ajustarem a novos contextos (Blustein, 1997; Jordaan, 1963; Kalakoski & Nurmi, 1998; Savickas, 2005; Taveira, 2001). Neste âmbito, consideramos pertinente estudar a forma diferencial como diferentes grupos de jovens vivenciam a exploração vocacional. Nos grupos estudados os resultados apontam que os jovens parecem vivenciar de forma diferente as dimensões da exploração vocacional e por conseguinte, poderão ter diferentes necessidades e beneficiar de intervenções diferenciadas ao nível da intervenção vocacional.

Com efeito, estes resultados parecem indicar que o contexto de vivência ou o contexto educativo e as experiências que lhe estão associadas parecem comprometer a forma como os jovens exploram, indicando as dimensões que é mais importante reforçar. Por exemplo, no que diz respeito aos jovens institucionalizados parece-nos fundamental intencionalizar intervenções de carreira no contexto LIJ, que promovam o auto-conhecimento dos jovens, bem como os dotem de estratégias de gestão de recursos de exploração e crenças associadas à mesma. Já no

que diz respeito ao contexto de ensino é importante perceber as especificidades e necessidades dos diferentes contextos garantindo igualdade dos processos de exploração destes jovens.

Parece-nos também importante referir que estes estudos recorreram à utilização de um grupo de comparação, contribuindo para superar um dos aspetos mais apontados como limitação dos estudos com estas populações de grupos específicos (Creed et al., 2011). Como tal, consideramos configurar um avanço na investigação no âmbito do desenvolvimento de carreira, junto de grupos específicos de jovens, muitas vezes caracterizados por dificuldades metodológicas de acessibilidade.

Referencias

- Blustein, D. L. (1989). The role of goal instability and career self-efficacy in the career exploration process. *Journal of Vocational Behavior*, 35(2), 194-203. [http://dx.doi.org/10.1016/0001-8791\(89\)90040-7](http://dx.doi.org/10.1016/0001-8791(89)90040-7)
- Blustein, D. L. (1997). A context-rich perspective of career exploration across the life roles. *The Career Development Quarterly*, 45(3), 260-274. <http://dx.doi.org/10.1002/j.2161-0045.1997.tb00470.x>
- Blustein, D. L. (2001). The interface of work and relationships: Critical knowledge for 21st century psychology. *The Counseling Psychologist*, 29(2), 179-192. <http://dx.doi.org/10.1177/0011000001292001>
- Bohoslavsky, R; (Org). (1983). *Orientação Vocacional: teoria, técnica e ideologia*. São Paulo: Cortez.
- Brown, S. D., Lent, R. W. (2013). *Career development and counseling: Putting theory and research to work*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Cheung, R., & Arnold, J. (2010). Antecedents of career exploration among Hong Kong Chinese university students: Testing contextual and developmental variables. *Journal of Vocational Behavior*, 76(1), 25-36. <http://dx.doi.org/org/10.1016/j.jvb.2009.05.006>
- Creed, P., Tilbury, C., Buys, N., & Crawford, M. (2011). The career aspirations and action behaviors of Australian adolescents in out-of-home-care. *Children and Youth Services Review*, 33(9), 1720–1729. <http://dx.doi.org/10.1016/j.childyouth.2011.04.033>
- Flum, H., & Blustein, D. L. (2000). Reinvigorating the study of vocational exploration: A framework for research. *Journal of Vocational Behavior*, 56(3), 380-404. <http://dx.doi.org/10.1006/jvbe.2000.1721>
- Gamboa, V., Paixão, P., & Jesus S. (2011). A eficácia de uma intervenção de carreira para a exploração vocacional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12(2), 153-164.
- Hirschi, A., Niles, S. G., & Akos, P. (2011). Engagement in adolescent career preparation: Social support, personality and the development of choice decidedness and congruence. *Journal of Adolescence*, 34(1), 173-182. <http://dx.doi.org/10.1016/j.adolescence.2009.12.009>
- Jordaan, J. P. (1963). Exploratory behavior: The formation of the self and occupational concepts. In D. Super, R. Starisshevsky, R. Matlin, & J. P. Jordaan (Eds.), *Career development: Self-concept theory* (pp. 42-78). New York: College Entrance Board.
- Kalagoski, V., & Nurmi, J.-E. (1998). Identity and educational transitions: Age differences in adolescent exploration and commitment related to education, occupation, and family. *Journal of Research on Adolescence*, 8(1), 29-47. <http://dx.doi.org/10.1177/0743558403255066>
- Königstedt, M. (2008). *Educação e carreira. Estudo de avaliação da eficácia de uma intervenção psicológica*. (Tese de mestrado não publicada). Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Maroco, J. (2003). *Análise estatística com a utilização do SPSS* (2ª Edição). Lisboa: Edições Sílabo.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios.
- Reid, H. L. (2008). Career guidance for at risk young people: Constructing a way forward. In J. A. Athanasou & R. Van Esbroeck (Eds.), *International Handbook of Career Guidance* (pp. 461-485). Dordrecht: Springer. http://dx.doi.org/10.1007/978-1-4020-6230-8_23
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, 25(1), 54-64. <http://dx.doi.org/10.6018/rie.31.2.170911>
- Savickas, M.L. (1993). Career counseling in the postmodern era. *Journal of Cognitive Psychotherapy*, 7(3), 205-215. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvb.2009.04.004>
- Savickas, M. L. (2002). Reinvigorating the study of careers. *Journal of Vocational Behavior*, 61(3), 381–385.
- Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (pp. 42-70). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Schmitt-Rodermund, E., & Vondracek, F. W. (1999). Breadth of interests, exploration, and identity development in adolescence. *Journal of Vocational Behavior*, 55(3), 298-317. <http://dx.doi.org/10.1006/jvbe.1999.1683>
- Soares, A. P. (1998). *Desenvolvimento vocacional de jovens adultos: A exploração, a indecisão e o ajustamento vocacional em estudantes universitários*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Stumpf, C. A., Colarelli, S. M., & Hartman, K. (1983). Development of the Career Exploration Survey (CES). *Journal of Vocational Behavior*, 22 (2), 191-226. [http://dx.doi.org/10.1016/0001-8791\(83\)90028-3](http://dx.doi.org/10.1016/0001-8791(83)90028-3)
- Super, D. E. (1957). *The psychology of careers*. NY: Harper

- Super, D. (1980). A Life-Span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16(3), 282-298. [http://dx.doi.org/10.1016/0001-8791\(80\)90056](http://dx.doi.org/10.1016/0001-8791(80)90056)
- Super, D., Savickas, M. L., & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. In D. Brown & L. Brooks (Eds.), *Career choice and development*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6th Ed.). Boston (MA): Allyn and Bacon.
- Taveira, M. C. (1997). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens: Estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão vocacional*. Tese de Doutoramento não publicada. Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Taveira, M. C. (2001). Exploração vocacional: Teoria, investigação e prática. *Psychologica*, 26, 55-77.
- Taveira, M. C. (2004). Exploração e desenvolvimento vocacional na adolescência: Contributos para uma abordagem sistemática e colaborativa. *Psicologia e Educação*, 3(1), 109-120.
- Taveira, M. C. & Rodriguez M. (2003). Guidance theory and practice: The status of career exploration. *British Journal of Guidance and Counseling*, 31(2), 189-207. <http://dx.doi.org/10.1080/0306988031000102360>
- Vignoli, E., Croity-Belz, S., Chapeland, V., Filips, A., & Garcia, M. (2005). Career exploration in adolescents: The role of anxiety, attachment, and parenting style. *Journal of Vocational Behavior*, 67(2), 153-168. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvb.2004.08.006>

Fecha de recepción: 30 de abril de 2015.

Recepción revisión: 10 de julio de 2015.

Fecha de aceptación: 30 de julio de 2015.